



AUTORIA E CIDADANIA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Adilson Tadeu Basquerote Silva ¹

RESUMO

Os processos de ensino e aprendizagem na Educação Geográfica, tornam-se cada vez mais permeados por ações que visam a reflexão e a inserção da análise crítica do espaço geográfico vivido dos estudantes. Neste sentido, o estudo objetiva analisar as percepções dos estudantes acerca dos problemas locais e das possíveis soluções apresentadas por eles, sob o viés da Educação Geográfica, autoria e cidadania. A base de dados foram as proposições colhidas por uma intervenção pedagógica realizada com vinte estudantes da Educação Básica, de uma escola pública estadual do Sul do Brasil. O processo de mediação decorreu em quatro aulas de geografia, distribuídos em dois encontros de noventa minutos. Os dados colhidos e analisados pelos procedimentos de análise do discurso, revelaram que a Educação Geográfica possibilita aos estudantes conhecer e refletir sobre a realidade que os cerca e de propor soluções para os problemas nela existentes, exercendo assim, sua cidadania. Evidenciou-se que o processo de mediação pedagógica na Educação Básica, deve permitir que os estudantes expressem sua visão de mundo, suas angústias e anseios, que por vezes, não são evidenciados por outras faixas etárias.

Palavras-chave: Reflexão; Ensino; Autonomia; Aprendizagem.

ABSTRACT

Teaching and learning processes in Geographic Education are becoming increasingly permeated by actions aimed at the reflection and insertion of critical analysis of the immediate geographic space by students. In this sense, the study aims to analyze students' perceptions about local problems and possible solutions presented by them, under the bias of Geographic Education and citizenship. The database was the propositions collected by a pedagogical intervention carried out with twenty students of Basic Education, from a state public school in southern Brazil. The mediation process took place in four geography classes, distributed in two ninety-minute meetings. The data collected and analyzed by the discourse analysis procedures revealed that Geographic Education enables students to know and reflect on the reality that surrounds them and to propose solutions to their problems, exercising their citizenship. It was evident that the process of pedagogical mediation in Basic Education should allow students to express their worldview, their anxieties and anxieties, which are sometimes not evidenced by other age groups.

Keywords: Reflection; Teaching; Autonomy; Learning.

¹ Doutor em Geografia, Docente no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), abasquerote@yahoo.com.br, adilson.silva@unidavi.edu.br;



INTRODUÇÃO

É de consenso que a Educação Geográfica deve oportunizar aos estudantes espaços reflexão e compreensão das transformações no/do espaço geográfico e ao mesmo tempo proponham possíveis soluções para os problemas nele existentes. Neste sentido, destaca-se o papel da escola e do professor como facilitadores na compreensão da realidade por parte dos estudantes. Nesse sentido, Cavalcanti (2012), advoga que a escola é um lugar de encontro de culturas, de saberes formais e informais, do cotidiano. Na mesma direção, Libâneo e Alves (2012, p. 17) aponta que os processos de ensino e de aprendizagem, independente do espaço, deve “[...] prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade”.

Sacramento (2015) destaca a importância da mediação pedagógica e das opções metodológicas tomadas pelo docente para a efetiva aprendizagem. Para a autora,

A ação docente está, portanto, relacionada aos caminhos didático-pedagógicos e educacionais na orientação dos saberes científicos em sala de aula, para promover uma aprendizagem significativa. Realizar uma prática mediática que contribua para a evolução conceitual dos alunos, refletindo sobre a realidade vivida por eles, respeitando suas histórias de vida e contribuindo para que entendam o seu papel na sociedade: o de cidadãos (2015, p. 11).

No contexto da Educação Geográfica, Callai (2014) destaca a importância do professor geografia, como um mediador entre os conceitos científicos e a realidade imediata do estudante, bem como, uma postura que propicie espaços de debate e de proposições contextualizadas sobre ela. Nessa direção, a Educação Geográfica, contribui na formação de uma sociedade com indivíduos que pensam criticamente, que argumentam, que analisam a realidade em que estão inseridos e que estão instrumentalizados para proporem soluções viáveis para os problemas (CALLAI; MORAIS, 2017, CAVALCANTI, 2002).

Ao relacionar a Geografia e a realidade do estudante Martins (2014) destaca a potencialidade que ela oferece para a compreensão social, por meio das relações de trabalho e pela apropriação do espaço. Adensando esta prerrogativa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) testemunha a importância deste componente curricular ao defender que:

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se



vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (BRASIL, 2018, p. 359).

Na mesma direção, Callai e Morais (2017, p. 86) destacam que a ação pedagógica contextualizada gera a “possibilidade de fazer uma educação cidadã, uma vez que o objetivo é abordar os conteúdos da geografia, construindo conceitos para fazer a análise geográfica com o olhar numa postura de formação para a cidadania”. Ao relacionar educação e cidadania, Saviani (2001, p. 19) argumenta:

Assim, a educação é entendida como instrumento, como um meio, como uma via através da qual o homem se torna plenamente homem apropriando-se da cultura, isto é, a produção humana historicamente acumulada. Nesses termos, a educação fará a mediação entre o homem e a ética permitindo ao homem assumir consciência da dimensão ética de sua existência com todas as implicações desse fato para a sua vida em sociedade. Fará, também, a mediação entre o homem e a cidadania, permitindo-lhe adquirir consciência de seus direitos e deveres diante dos outros e de toda a sociedade... Em outros termos, pela mediação da educação, será possível construir uma cidadania ética e, igualmente uma ética cidadã.

Nesta perspectiva, o estudo objetiva analisar as percepções dos estudantes acerca dos problemas locais e das possíveis soluções apresentadas por eles sob o viés da Educação Geográfica, autoria e Cidadania.

O PERCURSO METODOLÓGICO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

A intervenção pedagógica foi realizada em duas semanas, em quatro aulas de Geografia, divididas em dois blocos de duas aulas consecutivas de 90 minutos, com 20 estudantes da segunda série do Ensino Médio matutino, em uma escola pública de Educação Básica localizada no Alto Vale do Itajaí (SC), no primeiro semestre de 2018.

Caracteriza-se como um Estudo de Caso (YIN, 2001), de natureza qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) com dados coletados pelo primeiro autor no primeiro semestre de 2018, por meio de proposições dos estudantes, em relação aos problemas



percebidos por eles, nas distintas localidades do município em que residem. Os dados que emergiram, foram analisados pelos procedimentos da Análise do Discurso (ORLANDI, 2003).

A atividade desenvolveu-se em etapas. Nas duas primeiras aulas, cada estudante recebeu um papel em branco (aqui denominado de ficha), que continha apenas um número no intervalo de 1 a 20. Nele, deveriam listar os problemas vivenciados ou percebidos por eles, em seu espaço de vivência, sem contudo, propor soluções para os mesmos. Em seguida, o professor trocou as fichas entre eles, de modo que um estudante, propusesse soluções para resolver os problemas elencados pelo seu colega de classe. Passado algum tempo, realizou-se novamente as trocas das fichas, de maneira que, um segundo aluno analisaria os problemas listados, as soluções propostas pelo colega e em seguida, também proporia possíveis soluções. Assim, para cada conjunto de problemas relacionados, dois estudantes propusessem soluções para saná-los. O material foi recolhido pelo professor no final do período. A Figura 1, apresenta os estudantes elencando problemas e propondo soluções.

Figura 1 – Estudantes realizando a atividade de levantamento de problemas locais e proposição de soluções.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Na semana seguinte, os estudantes foram convidados a formar grupos de dois ou três membros, por proximidade, e o professor entregou as fichas com os problemas e as



soluções propostas à cada grupo, de modo que estes não recebessem o mesmo material das aulas da semana anterior. Neste dia, o grupo leu os problemas, as soluções propostas em cada ficha e analisou a viabilidade das proposições mencionadas para a resolução dos problemas, podendo inserir novas propostas de solução para os mesmos. A Figuras 2, destaca os estudantes propondo soluções aso problemas elencados pelos colegas de classe, ou seja, exercitando a autoria e cidadania.

Figura 2- Estudantes autores na proposição cidadã.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Ao final, cada grupo apresentou para a classe, os problemas listados, as possíveis soluções elencadas pelos colegas e por eles. Nesse momento, os demais estudantes da classe, poderiam apresentar soluções que ainda não haviam sido mencionadas. Por fim, discutia-se a viabilidade de implementação das soluções mencionadas e sugeriu-se que o material produzido, fosse entregue legislativo municipal.

RESULTADOS E A DISCUSSÃO

Cientes de que a prática docente, deve ser pautada na emancipação e instrumentalização dos estudantes para atuar de forma ativa e cidadã, a Educação Geográfica possui a Incumbência de promover a análise crítica da realidade. Nessa



direção, coaduna-se à concepção de Callai (2014) quando defende, que a Educação Geográfica deve instrumentalizar os estudantes, para que os mesmos, sintam-se como indivíduos participantes do espaço que estudam, que se considerem sujeitos ativos do seu processo de ensino e de aprendizagem e capazes de discutir e propor soluções para os problemas de sua comunidade, contribuindo para a formação cidadã. Nessa direção Brasil (2018, p. 360) salienta que

Essa é a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza. Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fático (com destaque para os acontecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania.

Nesse sentido, a intervenção pedagógica realizada, possibilitou que os estudantes analisassem a realidade onde vivem e mencionassem os problemas nela existentes. Os excertos que seguem apresentam os problemas mencionados pelos estudantes (nominados pela Letra E de estudante e pelo número corresponde a sua ficha E1, E2, E3...E20), a resolução proposta pelo colega e pelo grupo. Assim, os estudantes E6 e E2 apresentaram como emergencial, o problema da dificuldade de qualificação profissional no município.

(E6): Falta qualificação profissional no município, a prefeitura deveria incentivar a instalação de universidades. (E2): Faltam opções de profissionalização para os jovens. (E18): Nosso município possui menos de 4000 mil habitantes, não comporta um polo universitário, mas poderia haver investimento municipal para o deslocamento dos estudantes para outras cidades ou auxílio na compra de livros, cópias, entre outros.

(Grupo): A Prefeitura Municipal poderia disponibilizar um ônibus que realize o transporte dos estudantes universitários até a cidade polo da região, onde encontram-se o maior número de cursos universitários, ou firmar parcerias com entidades como SENAI, SENAC, Epagri, para oferecer cursos de capacitação, seja na parte da agricultura, seja na indústria e comércio. Incentivar programas como “jovem aprendiz”.

As propostas acima, comprovam que ação docente e Educação Geográfica, podem apresentar-se como ambientes propícios à construção do conhecimento, à medida que o professor possibilita aos estudantes, espaço pra analisarem o contexto onde vivem e de proporem soluções para os problemas existentes. Neste sentido, Castellar (2006, p. 110)



destaca que o professor necessita

[...] incorporar nas ações do cotidiano, uma proposta que tenha como objetivo, criar condições para que o aluno aprenda, desenvolva os conceitos científicos, confronte hipóteses e resolva problemas. Assim, os procedimentos provocariam o aluno a partir de suas hipóteses, confrontar ideias e tomar posições. Essas habilidades contribuirão para que ele desenvolva competências [...].

Corroborando, Moran (2013, p. 21) defende que a educação tem o papel de “integrar o ensino a vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, ter uma visão de totalidade”. Em contexto semelhante, Brasil (2018, p. 359) afiança que “para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico”. No mesmo sentido, Sacramento (2015) reforça a importância da formação dos estudantes para a compreensão do espaço em que vivem e do seu papel enquanto cidadãos. Segundo a autora, faz-se necessário que Educação Geográfica “contribua para a evolução conceitual dos alunos, refletindo sobre a realidade vivida por eles, respeitando suas histórias de vida e contribuindo para que entendam o seu papel na sociedade: o de cidadãos”. Nesse sentido, a Figura 3 apresenta duas estudantes discutindo soluções para os problemas locais com base no seu contexto de vivência.

Figura 3- Estudantes propondo soluções para os problemas locais.



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).



Na mesma direção, os protocolos dos estudantes avalizam as constatações de Sacramento (2015), ao mencionarem como problema eminente, as estradas das localidades do interior do município e a forma como propõem soluções para tal problema. Segundo eles:

(A12): Estradas ruins no interior do município. (E11): Melhorar as estradas. (E16): As estradas estão ruins, com isso dificulta o trânsito escoamento da produção agrícola do município.

(E2): Os cidadãos informando a prefeitura municipal, os trechos em que as estradas estão ruins e ela realizando os reparos e cascalhando onde é necessário.

(Grupo): Informar a prefeitura municipal, os pontos da estrada que necessitam de reparos e cada proprietário cuidar do trecho da mesma, que é corta a sua propriedade, mantendo os bueiros e as valetas abertas, roçando os barrancos.

O exposto pelos estudantes, é avalizado por Costella (2015, p. 12) ao defender que “os conteúdos precisam ser significados para que o aluno produza com autonomia suas próprias ideias e reflita sobre elas, para abstrair e produzir o conhecimento com autoria”. Na mesma direção, Santos (2004, p. 112) defende a atuação de “uma escola enraizada no lugar e que se alimenta de sua potencialidade e de sua força”. Neste cenário, outro problema recorrente apontado nas proposições realizadas pelos estudantes é a falta de opções de entretenimento para os adolescentes e jovens. Nesse sentido, os estudantes propuseram:

(E10): Falta diversão para os jovens. (E3): Lugares para os jovens se distraírem. (E20): Faltam opções de espaços pra diversão dos adolescentes. (E2): Poucas opções de lazer para os jovens.

(E7): Nós adolescentes e jovens temos a necessidade de diversão. Moramos em um município pequeno, com opções reduzidas para este fim. No entanto, estamos “ligados” no que acontece fora daqui e nas opções que podemos ter. Então, deveriam ser promovidos retiros, acampamentos, shows, palestras direcionadas aos jovens e adolescentes com temas de interesse pra essa faixa etária.

(Grupo): Trazer eventos pra cidade, reformar o ginásio de esportes e mantê-lo aberto nos fins de semana, mais academias ao ar livre, promover campeonatos e gincanas entre as comunidades.

Os problemas relatados pelos estudantes, demonstram como eles percebem sua realidade imediata, a partir de suas práticas socioespaciais e das relações que estabelecem



com outras escalas. Assim como atesta Cavalcanti (2012, p. 110), “esses e outros jovens atuam baseados em referenciais construídos sobre seu lugar de vida cotidiana, sobre suas práticas locais, sobre seu país, e é para essa meta que os conteúdos da geografia devem servir”. De forma similar, Brasil (2018, p. 361) defende que a Educação Geográfica ultrapasse a

[...] condição meramente descritiva exige o domínio de conceitos e generalizações. Estes permitem novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade, de acordo com o aprendizado do conhecimento da ciência geográfica.

Outra preocupação mencionada pelos estudantes, é a falta de opções de emprego na cidade, em especial para os jovens. Por residirem em um município de pequenas dimensões territoriais e essencialmente agrícola, existem reduzidas opções de postos de trabalho, além da agricultura, o que os leva a migrar para outras cidades em que sua oferta é maior. Nesse sentido, os estudantes relataram:

(E8): Falta oportunidade para os jovens na questão do emprego. (E18): Falta postos de trabalho.

(E20): Falta emprego para os jovens que acabam tendo que sair pra outra cidade, para conseguir trabalho.

(E11), (E8), (E15): A prefeitura incentivar a vinda de empresas para a cidade. (E9): capacitar os jovens para se tornarem empreendedores.

(Grupo): Prefeitura dando incentivos fiscais como forma de atrair empresas. Efetivar programas de incentivo ao turismo no município que poderia proporcionar novas opções de renda como feiras de produtos artesanais, pousadas rurais, entre outros.

As proposições acima, denotam a importância do professor de geografia promover atividades que possibilitem aos estudantes avaliarem sua atuação enquanto cidadãos e de os posicionarem frente aos problemas que enfrentam. Assim, como pontua Brasil (2018, p. 364), os estudantes instrumentalizam-se para “estabelecer regras de convivência na escola e na comunidade; discutir propostas de ampliação de espaços públicos; e propor ações de intervenção na realidade, tudo visando à melhoria da coletividade e do bem comum”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O estudo analisou as percepções dos estudantes acerca dos problemas locais e das possíveis soluções para os mesmos apresentadas por eles sob o viés da Educação Geográfica, autoria e Cidadania. Neste sentido, evidenciou-se que para esses estudantes a intervenção pedagógica sob o viés da Educação Geográfica possibilitou à eles conhecer e estabelecer relações entre o lugar em que vivem e os problemas nele existentes e propor alternativas para solucioná-los. Tal assertiva evidencia-se na preocupação com a qualidade das estradas de terra, à medida que a maior parcela desses estudantes, são oriundos da zona rural do município e utilizam o transporte escolar público, para deslocar-se até escola.

Constatou-se que a Educação Geográfica, pode favorecer o desenvolvimento da cidadania na Educação Básica e que seus estudantes são capazes de refletir criticamente sobre os problemas do cotidiano. Assim, ao permitir que eles manifestem suas angústias, interesses, preocupações, emergem problemas que porventura não apareceriam, se os sujeitos fossem de outras faixas etárias, ou outras cidades, entre outros. Como por exemplo, a necessidade de investimentos em entretenimento, foi citada por sete estudantes. No entanto, não foram mencionados problemas como violência juvenil, favelização, mobilidade urbana, entre outros, problemas amplamente enfrentados por adolescentes e jovens de municípios mais populosas, ou de centros urbanos maiores.

Nesse sentido, torna-se indispensável que a Educação Geográfica promova reflexões sobre os conceitos científicos e o cotidiano do estudante, à medida que a vida cotidiana submerge a Geografia, ou seja, ela contribui com a compreensão e explicação de seu objeto, o espaço socialmente construído, em toda a sua complexidade. Assim, atividades de cunho reflexivo, conduzem os estudantes a pensarem criticamente e sobre a sua própria realidade e pode levar-lhe a alterar a forma como se relaciona com espaço geográfico e com os elementos nele contidos.

Evidenciou-se que o ensino que parte da realidade local, possibilita o exercício da ética e da aprendizagem não deslocada da vida e das experiências dos estudantes. Assim, conduzindo-os às formas mais complexas de pensamentos a partir das aprendizagens que já foram elaboradas por eles. Ademais, instrumentalizam-se para exercer a cidadania, ao discutirem os problemas do cotidiano e tornam-se capazes de propor encaminhamentos para resolvê-los. Como consequência, agem como cidadãos conscientes da realidade em que se inserem e são capazes de analisar outras realidades em escalas maiores.



REFERÊNCIAS

- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular- BNCC**: Brasília: MEC, 2018.
<Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Lisboa: Porto Editora, 1994.
- CALLAI, H. C. A geografia é ensinada nos anos iniciais? aprende-se geografia nos anos iniciais? In: TONINI, I. M. et al. (Orgs). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 31-42.
- CALLAI, H. C.; MORAIS, M. M. Educação geográfica, cidadania e cidade. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, Edição Especial 2017. p. 82-100.
- CASTELLAR, S. A cidade e a cultura urbana na Geografia Escolar. In Boletim **Paulista de Geografia/Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros**, 85, São Paulo: AGB. 2006.
- CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.
- _____. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- COSTELLA, R. Z. Prefácio. In: PORTUGAL, J. F.; TONINI, I. M.; OLIVEIRA, S. S. (Orgs.). **Geografia: diálogos, reflexividades e aproximações**. Curitiba: CRV, 2017. p. 11-17.
- LIBÂNEO, J.C. ALVES, N. **Temas de pedagogia - diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- MARTINS, R. E. M. W. Reflexões sobre o processo formativo do professor. In: CASTROGIOVANNI A. C.; TONINI, I.M.; KAERCHER, N.A. (Orgs.). **Movimentos no ensinar geografia**. 1ed. Porto Alegre: Editora Imprensa Livre, 2013, p. 63-74.
- MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. ver. e atual. Campinas: Papirus, 2013.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.
- SACRAMENTO, A. C. R. A mediação do conhecimento: a importância de pensar o trabalho docente de geografia. In: SACRAMENTO, A. C. R; ANTUNES, C. F. FILHO, M. M. (Org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. 1ed. Rio de Janeiro: CONSEQUÊNCIA/FAPERJ, 2015, v. 1, p. 1-18.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço; técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP. 2004.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA
5ª EDIÇÃO ONLINE

SAVIANI, D. Ética, educação e cidadania. **PhiloS – Revista Brasileira de Filosofia de 1o. Grau**, Florianópolis, 2001, v. Ano 8, n.15, p. 19-37.

YIN, R. K. Estudo de caso: Planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. 2 ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.